



Por  **Iberdrola** Soluções de energia verde Saiba Mais

Exclusivo

INTERNACIONAL

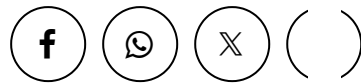
# Ilhas Salomão, um arquipélago de 992 ilhas no epicentro da disputa geopolítica entre China e Estados Unidos



A carcaça do navio de cruzeiro MS World Discoverer, que encalhou em 2000 na baía Roderick Bay, são hoje uma atração turística nas Ilhas Salomão SAEED KHAN / AFP / GETTY IMAGES

Estados Unidos e China estão numa marcação cerrada para fazer das Ilhas Salomão um aliado preferencial. Nos últimos anos, este arquipélago situado entre os continentes asiático e americano trocou o reconhecimento de Taiwan pelo da China Popular e assinou um acordo de segurança com Pequim. Temendo a instalação de uma base militar chinesa no país, os

# Estados Unidos tentam recuperar o interesse perdido há anos nalgumas ilhas do Pacífico



Margarida Mota  
Jornalista

**A**s Ilhas Salomão são hoje uma bandeira para o mundo. Este arquipélago de 992 ilhas, 147 das quais habitadas, perdido no oceano Pacífico, é dos países mais expostos à emergência climática, fustigado por ciclones tropicais, inundações repentinas, secas e ameaçado pela subida do nível do mar. **Ano após ano, este território perde solo à superfície. Tal não obsta que, atualmente, seja um país cobiçado por Estados Unidos e China** para a sua carteira de aliados.

“Alguns países são relevantes pelos recursos de que dispõem. Não é o caso das Ilhas Salomão. **O essencial deste arquipélago é a sua localização geográfica**”, explica ao Expresso Luís Tomé, professor catedrático da Universidade Autónoma de Lisboa.

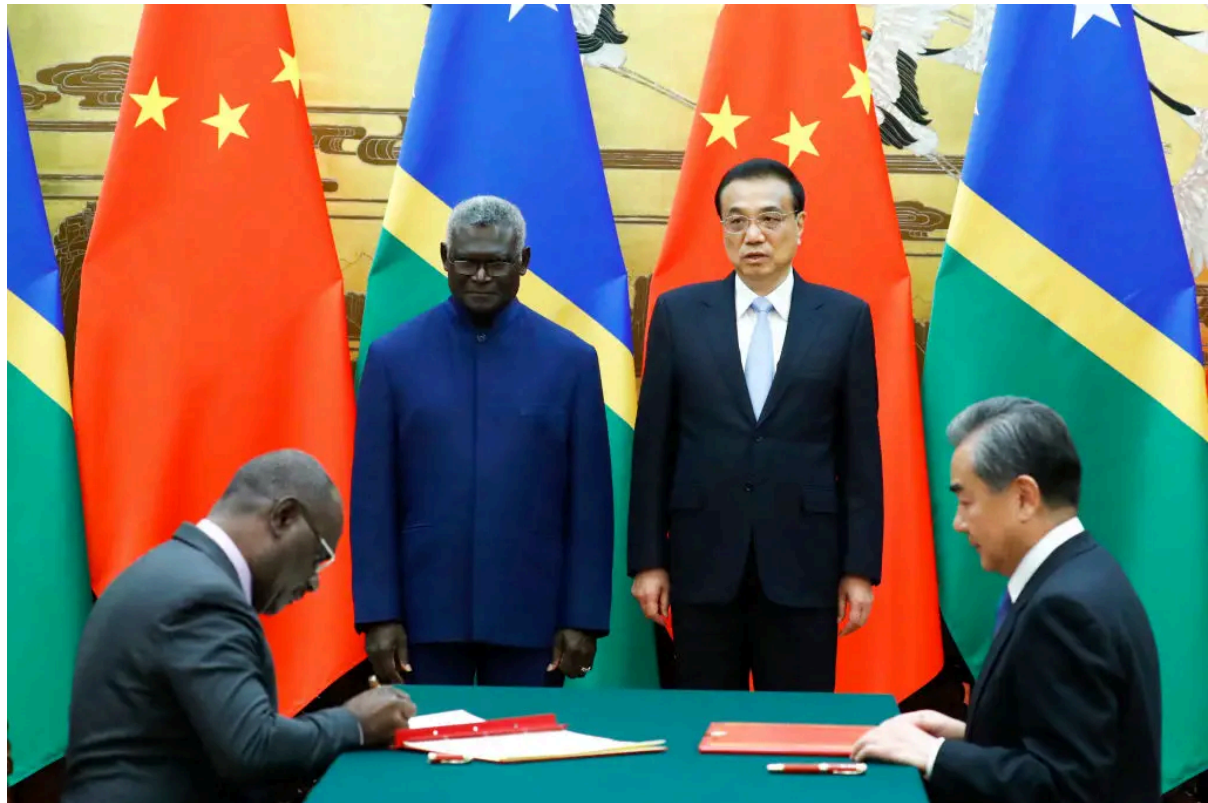
“O Pacífico é o maior oceano do planeta. O centro de gravidade da economia e do comércio mundial é a Ásia-Pacífico. **Estas ilhas, situadas no coração da Oceania [a nordeste da Austrália e a sudoeste do Havai], entre os continentes asiático e americano, adquirem uma relevância estratégica adicional porque estão entre dois grandes competidores globais** e no meio de rotas marítimas cruciais”, desde logo ao nível do trânsito de submarinos.

## TAIWAN JÁ ERA

Nos últimos cinco anos, a opção política deste pequeno país, onde vivem cerca de 740 mil pessoas, inclinou-se para o lado da China. Essa preferência revelou-se com estrondo a 21 de setembro de 2019 quando **as Ilhas Salomão deixaram de reconhecer a República da China (Taiwan) e estabeleceram relações formais com a República Popular da China.**

“É um contínuo de outros casos”, acrescenta este especialista na região Ásia-Pacífico. “Nos últimos anos, uma série de países trocou o

reconhecimento da China, de Taiwan para Pequim. **As Ilhas Salomão não são um caso único nem isolado.**



Cerimónia de assinatura de acordos bilaterais entre as Ilhas Salomão e a China Popular, a 9 de outubro de 2019, em Pequim THOMAS PETER / AFP / GETTY IMAGES

Os alarmes em relação à proximidade entre Honiara e Pequim soaram com maior intensidade em abril de 2022 após os dois países assinarem **um acordo de cooperação ao nível de segurança, cujo texto final permanece no segredo dos deuses.**

[Uma primeira versão vazada](#) para domínio público causou preocupação em Washington ao prever que a China teria caminho aberto para “fazer visitas de navios, realizar reabastecimento logístico e fazer escala e transição nas Ilhas Salomão”, ao mesmo tempo que forças chinesas poderiam “proteger a segurança do pessoal chinês e dos grandes projetos nas Ilhas Salomão”.

“Este é um temor dos Estados Unidos. A China tem este acordo de segurança cujo conteúdo total não se conhece, tem também um acordo de cooperação policial com as Ilhas Salomão. **Se alguns investimentos chineses nas Ilhas Salomão, ao abrigo da pesquisa científica oceânica, por exemplo, lhes permitir controlar navios e submarinos americanos,** ou se tiverem bases de investigação científica climatérica

que lhes permita projetar satélites também de vigilância, isso, estrategicamente, é relevante”, analisa Luís Tomé.

## CORRER ATRÁS DO PREJUÍZO

Temendo que este acordo possa constituir um trampolim para a instalação de uma futura base naval chinesa no país, os Estados Unidos apressaram-se a reagir. **Em setembro de 2022, o Presidente Joe Biden acolheu, na Casa Branca, a primeira cimeira Estados Unidos-Países das Ilhas do Pacífico**, com a participação de 13 países, entre os quais as Ilhas Salomão, à semelhança de uma iniciativa que Pequim já tinha em prática.



Foto de família referente à primeira cimeira EUA-Ilhas do pacífico, a 29 de setembro de 2022, na Casa Branca CHIP SOMODEVILLA / GETTY IMAGES

A 1 de fevereiro de 2023, os EUA deram mais um passo e **reabriram a sua embaixada em Honiara, 30 anos após a terem encerrado, por força de cortes orçamentais** pós-Guerra Fria, passando a representação norte-americana a ser assegurada pelo embaixador acreditado na Papua Nova Guiné.

“No limite, **os Estados Unidos estão convencidos que o objetivo chinês, a prazo, é dispor mesmo de uma base militar**. Mas até lá, **há várias formas de dupla utilização de instalações** que podem permitir à China vir a dispor de vantagens estratégicas”, diz o professor da Autónoma. “Ainda por cima, a China tem um longo historial e *know-how* de construção de infraestruturas militares ou que sirvam interesses

militares na construção de aterros, aproveitando ilhas, atóis, recifes, como está a fazer no Mar do Sul da China.”

## DEPOIS DO TONGA, SEGUE-SE VANUATU E KIRIBATI

[Quando anunciou a reabertura da missão diplomática nas Ilhas](#)

[Salomão](#), o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, afirmou que “mais do que qualquer outra parte do mundo, a região do Indo-Pacífico — incluindo as Ilhas do Pacífico — moldará a trajetória mundial no século XXI”.

“Os Estados Unidos perceberam que estavam a perder a mão perante a crescente influência chinesa. E não é caso único, porque, decorridos três meses, abriram uma embaixada no Tonga e [têm planos para abrir em Vanuatu e Kiribati](#) também”, explica Luís Tomé.

“Estão a esforçar-se para que outros países não sigam o exemplo das Ilhas Salomão, trocando o reconhecimento diplomático de Taiwan para a República Popular da China. Os Estados Unidos estão a tentar atalhar caminho e recuperar do desinteresse passado, porque **percebem que a influência chinesa se vai estendendo a outras ilhas e arquipélagos da Melanésia, onde estão as Ilhas Salomão, da Polinésia e da Micronésia.**”



Viatura policial fornecida pela china, em patrulha pelas ruas de Honiara, a capital das Ilhas Salomão SAEED KHAN / AFP / GETTY IMAGES

A influência da China nas Ilhas Salomão muito se deve ao primeiro-ministro Manasseh Sogavare, que, desde 2000, chefiou o governo por quatro vezes e deixou o poder na semana passada.

Por sua iniciativa, **as eleições previstas para maio de 2023 foram adiadas para este ano para que não perturbassem os Jogos do Pacífico, que as Ilhas Salomão acolheram, [pela primeira vez na sua história](#)**, com a participação de 24 equipas — representativas de Estados soberanos (como a Austrália) e de territórios não autónomos (como a Nova Caledónia, que ficou em primeiro lugar no medalheiro).

A esmagadora maioria das infraestruturas construídas para o evento foram financiadas por doadores internacionais — desde a Indonésia, que financiou um pavilhão de futsal, ao Japão, que pagou a remoção de munições não detonadas do tempo da II Guerra Mundial. **O novo Estádio Nacional, em Honiara, com capacidade para 10.000 espectadores, foi um presente de Pequim.**

## AJUDA FLUTUANTE

Noutro exemplo do tipo de ajuda que a China dá a quem quer conquistar, em agosto passado, **as Ilhas Salomão receberam a visita do navio-hospital chinês “Arca da Paz”, com heliporto a bordo**, que prestou serviço médico gratuito à população local e à comunidade chinesa no país, fazendo consultas, cirurgias — de cesarianas à remoção de cataratas — e realizando intercâmbios académicos. **Das Ilhas Salomão, este navio-hospital seguiu para Timor-Leste.**

O navio-hospital chinês “Arca da Paz” aproxima-se de Nucualofoa, numa visita de boa vontade à capital de Tonga, em 28 de julho de 2023 TUPOU VAIPULU / AFP / GETTY IMAGES

**Nas Ilhas Salomão, a mudança de reconhecimento da China Nacionalista para a Popular não foi unânime.** A decisão originou protestos antigovernamentais, em novembro de 2021, que resultaram em tentativas de invasão do Parlamento e da casa do primeiro-ministro e atos de vandalismo e pilhagens contra espaços comerciais chineses, no bairro de Chinatown, em Honiara.

A pedido do Governo das Ilhas Salomão, quatro países da região — **Austrália, Papua Nova Guiné, Fiji e Nova Zelândia — enviaram forças de segurança para o arquipélago para ajudar a restaurar a ordem.** Os

mesmos países providenciaram segurança, no ano passado, aos Jogos do Pacífico e ali ficaram até às eleições do mês passado. Não sendo forças permanentes, estão pontualmente no país para evitar que a situação descambe, como aconteceu no passado com violência inter-étnica.

## 'REFERENDO' À POLÍTICA PRÓ-CHINA

As eleições de 17 de abril passado (legislativas e provinciais) foram as primeiras desde que o país assinou com a China o acordo de segurança que preocupa os Estados Unidos. Perante a pressão dos dois gigantes, **a eleição dos 50 deputados para o Parlamento Nacional mais pareceu um referendo à política pró-China dos últimos anos.**

Nas urnas, o resultado foi inconclusivo, com o Partido OUR de Sogavare a eleger 15 deputados e a principal coligação de oposição a conseguir 13. As negociações envolvendo as restantes fações resultaram num apoio maioritário a Jeremiah Manele, do Partido OUR.



Um scrutador prepara o material antes da contagem dos votos das eleições de 17 de abril, em Honiara SAEED KHAN / AFP / GETTY IMAGES

Quando as Ilhas Salomão reconheceram o regime de Pequim e assinaram o acordo de segurança, Jeremiah Manele era o ministro de Negócios Estrangeiros. “Presume-se que ele continue a linha de orientação pró-China”, vaticina Luís Tomé. “Penso que o novo primeiro-ministro vai tentar seguir uma linha que muitos outros países do

chamado Sul Global têm seguido que é **tentar evitar consequências mais negativas para a competição entre a China e os Estados Unidos e, no limite, tentar colher benefícios de um e de outro.**”

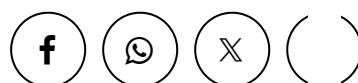
Manele é o primeiro chefe de Governo oriundo da ilha Santa Isabel, uma das principais do arquipélago. A maior é Guadalcanal, onde fica a capital (Honiara) e que dá nome a uma feroz batalha travada em 1942, entre forças aliadas e o Japão. A segunda é Malaita, a mais populosa. **A competição geopolítica entre chineses e norte-americanos pela preferência das Ilhas Salomão abriu fissuras no país**, com Malaita a recusar, durante anos, ajuda ou investimentos provenientes da China.

### UMA ILHA PRÓ-PEQUIM, OUTRA ANTI-PEQUIM

O rosto desta afronta à China é Daniel Suidani que, em 2023, foi afastado da liderança do governo regional de Malaita, por uma moção de censura. Foi substituído por Martin Fini, um amigo de Pequim que, disposto a escancarar as portas da ilha aos interesses chineses, assinou de imediato um acordo com a província chinesa de Jiangsu.

Nas eleições de 17 de abril, a população disse de sua justiça: reelegeu Suidani para a assembleia provincial, mas não Fini. **Em contraciclo com a ilha principal, Malaita parece querer ficar mais próxima dos Estados Unidos do que na China.**

**“Nesta disputa entre Estados Unidos e China, Taiwan é a questão mais espinhosa.** Quase todas as outras matérias da vastíssima agenda desta competição, de uma forma mais direta ou indireta, têm a ver com Taiwan. Estas questões mais estratégicas são relevantes porque, no caso de um conflito militar direto entre Estados Unidos e China, ou de bloqueio chinês à ilha de Taiwan, quaisquer vantagens estratégicas que os chineses tenham no Mar da China Oriental, no Mar do Sul da China e no Pacífico podem constituir obstáculos ao acesso americano ao teatro de operações.”



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

[MMota@expresso.impresa.pt](mailto:MMota@expresso.impresa.pt)